



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

JUVENTUDE RURAL E COTIDIANO NO TRABALHO: dimensão para pensar a heterogeneidade.

Maria de Assunção Lima de Paulo.

Universidade Federal Rural de Pernambuco.UFRPE

assuncao1p@yahoo.com.br

Introdução

José Machado Pais, ao escrever sobre o cotidiano, afirma que o mesmo é um terreno de reflexividades, por isso, concordando com ele, não o entendo no sentido de hábito, que se repete como tarefa ou exercício, mas, sendo “*locus* da ação prática, da aplicação continuada e repetida de determinados campos de conhecimento acumulado, portanto, do hábito” (MESQUITA, 2002, p.15), compreendo que este é vivenciado, antes de tudo, pela *consciência prática*, não podendo ser transcrito apenas através das narrativas, uma vez que essa consciência é do domínio, principalmente, do sensível. Nesse sentido, partindo da teoria de Giddens (1989) e Pais (2007), considero que o cotidiano é marcado por situações dilemáticas que fazem com que o mesmo se assuma cada vez mais como “um terreno de negociações, de resistências, de inovações e, conseqüentemente, de dilemas” (PAIS, 2007, p. 04).

Embora seja produto das representações, as convenções sociais reproduzidas no dia-a-dia estão penderes de um controle reflexivo por parte dos agentes que vivem o peso das convenções, mas também nelas atuam utilizando-se da *reflexividade (impositiva ou transformadora)* que pode dar margem a novas representações.

É com essa perspectiva de cotidiano que penso o jovem rural como um agente/ator social que por meio de suas escolhas e ações, muda o curso da vida social interferindo assim, na estrutura¹. Esta estrutura não é compreendida aqui apenas como coercitiva e determinante das ações sociais, mas como recursiva e potencializadora, sendo assim, também produto dessas mesmas ações (GIDDENS, 1989).

Compreendo a juventude como uma categoria socialmente construída, que vive uma condição específica do *curso da vida* (PAIS, 2003) definida socialmente como juventude particularizada pelas situações de classe social, gênero, etnia e lugar de vida.

¹A estrutura refere-se às propriedades que possibilitam a existência das práticas sociais variáveis a partir das dimensões de tempo e espaço. Ela é “uma “ordem virtual” de relações transformadoras, só existe como presença espaço-temporal que implica na produção e reprodução de sistemas sociais, orientando a conduta de agentes humanos dotados de capacidade cognoscitiva.



Este autor define os jovens como: “uma fatia de coetâneos movendo-se através do tempo, cada um deles com a sua própria experiência de vida, influenciada por circunstâncias históricas e sociais específicas” (PAIS, 2003, p. 71). Considerando a transição como um “complexo processo de negociação”, Pais, (2003) sustenta a tese de que não há uma forma de transição para a vida adulta, haverá várias, como várias serão as formas de ser jovem (de acordo com a origem social, o sexo, o *habitat*, etc.) ou de ser adulto (PAIS, 2003, p. 44).

A categoria juventude rural é caracterizada por vivenciar uma *situação juvenil* específica a partir do seu *lugar de vida* (WANDERLEY, 2009). No entanto, esse lugar de vida se particulariza ainda mais quando esses jovens são filhos de agricultores camponeses, pois estes estabelecem uma relação específica com a terra, o trabalho e a família (WOORTMANN & WOORTMANN, 1993; TEDESCO, 1999).

O jovem rural, filho de agricultor camponês, vive uma particular relação com a família, sendo a mesma caracterizada como uma unidade de produção, afetos e conflitos (WANDERLEY, 1999), o que lhe determina uma relação específica com seus membros. Diante deste modelo familiar, o jovem é percebido apenas como membro da família, tendo vivenciado durante muito tempo uma invisibilidade que os estudos sobre os mesmos chamam a atenção, tanto pela realidade que percebem quanto pela forma como a interpretam. De fato, *morar* e *trabalhar* são características da família camponesa (WANDERLEY, 2003). Nesse sentido, os valores e atitudes que definem essa *situação da condição* juvenil perpassam essa própria noção de família.

Ao compreender que a vida social é produzida e reproduzida cotidianamente por meio das ações reflexivas de indivíduos inseridos em seus contextos sociais, abre-se margem para visibilizar os membros (invisibilizados) dessa família, jovens, crianças, mulheres, por suas ações práticas ou discursivas. Nesse caso, o cotidiano é o *locus* onde as relações, vivências e sentimentos irão se estabelecer como um dilema entre a tradicional relação com a família, a comunidade e os conhecimentos e relações modernas.

Estudei durante quatro anos, jovens rurais, filhos de agricultores camponeses pertencentes ao pequeno município de Orobó², localizado na mesorregião do Agreste

² Wanderley (2002) chama atenção para o fato de que o pequeno município deve ser pensado na sua especificidade. Ou seja, o seu núcleo urbano, geralmente composto por menos de 20.000hab. possui as



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Setentrional do Estado de Pernambuco. Para acessar o cotidiano dos mesmos, parti de uma conjugação de métodos: análise de redações escritas por jovens rurais estudantes de duas escolas de ensino fundamental e médio, entrevistas semi-estruturadas, conversas informais, observação participante e análise situacional.

Neste artigo, objetivo compreender a heterogeneidade da categoria juventude rural a partir da dimensão da vida cotidiana, tendo o trabalho como aspecto a ser analisado. Aqui analisarei as rotinas cotidianas dos jovens como elemento para pensar a heterogeneidade. Tais rotinas, não são entendidas apenas como repetição, mas como vivências pautadas em reflexões vivenciadas a partir de quadros de significados construídos no diálogo inter e intrageracional, entre os conhecimentos de dentro e os de fora.

Escolhi pensar a dimensão do trabalho, para compreender as permanências e mudanças ocorridas no modelo de trabalho familiar camponês, principal característica desse modo de vida. Este tem o caráter específico de ser realizado no interior da unidade familiar camponesa de produção, que tem o pai como seu chefe, responsável pela manutenção social da propriedade da terra e pela reprodução social da família. As relações de trabalho aí estabelecidas perpassam a propriedade da terra, não apenas no seu aspecto material, mas principalmente simbólico, um elo moral que a constitui como elemento central para manutenção dessa mesma família.

Assim, entendo que o jovem rural, filho de agricultor camponês, antes de tudo, vivencia uma particular relação de trabalho que envolve os vários aspectos da sua vida, não podendo ser confundida com uma relação familiar urbana ou mesmo com outro modelo de relação trabalhista, ainda que no campo.

Não estou afirmando com isso que todos os jovens rurais filhos de agricultores camponeses trabalhem apenas no interior da família, mas o que interessa é perceber como o mesmo, ao escolher outra atividade fora do estabelecimento familiar, traz profundas consequências para esse modelo familiar em que está inserido. Tais consequências podem implicar na manutenção dessa família no campo ou na total mudança desse modelo.

mesmas características em termos de relação com a natureza, vida em pequenos grupos e relações sociais pautadas no interconhecimento. No entanto, não é possível minimizar e desconsiderar a importância em termos de organização e centralização de serviços que estas pequenas cidades possuem, bem como o sentimento de pertencimento a um universo social diferenciado, não podendo assim ser possível homogeneizar esses pequenos municípios como alguns estudiosos pretenderam.



Por ser a juventude rural uma categoria construída fora do universo social rural, uma vez que naquele meio não existia uma real diferença de consideração da vivência dessa fase do *curso da vida* denominada juventude³, não se denomina ali o jovem e a jovem, mas o *rapaz* (referindo-se aos jovens do sexo masculino, solteiros) e a *moça* (referindo-se à jovem do sexo feminino, solteira e que seja denominada virgem). Essas classificações locais não estão diretamente ligadas à idade cronológica, mas a uma posição social, que é demarcada por algumas (relativas) responsabilidades e liberdades.

A realidade dos *rapazes* e *moças* e os dilemas da condição de filho de agricultor camponês

Foi possível identificar no cotidiano os dilemas vivenciados pelos jovens rurais, no que se refere às experiências de um *modo de vida* camponês pautado em uma tradição, ou no que Giddens (1989) e Pais (2007) definiriam como uma *reflexividade impositiva*, e a participação em espaços mais marcados por um *ethos* ligado à modernidade que lhes proporciona um modo diferente de *reflexividade*, uma *reflexividade transformadora* (GIDDENS, 1991, PAIS, 2007).

O contato constante com a cidade, mesmo a sede do município, as informações obtidas através dos meios de comunicação como a televisão e, para alguns, a internet, as relações com outros jovens de realidades diferentes, permitem ao jovem acessar outros quadros de significação, interferindo e reorganizando o *conhecimento mútuo* que lhe insere na comunidade, levando-o a questionar, por suas ações práticas ou discursivas, a realidade que se lhe impõe.

Estes conhecimentos são utilizados para reorganizar e negociar informações de um espaço para o outro de acordo com o contexto da interação. Nesse sentido, o peso das normatizações se transforma também em recursos utilizados, em momentos específicos, para transformar a situação a seu favor.

Antes de tudo, foi possível perceber que o trabalho é central na forma como os próprios jovens rurais se definem. Quando pedimos para que os jovens escrevessem uma redação sobre o que é ser jovem rural, grande parte dos mesmos trouxe o trabalho

³Para efeitos dessa pesquisa, assumindo os limites da mesma, adotei a faixa etária de 14 a 25 anos para definir minha amostra. Não deixando as diversidades de situações em que o indivíduo de idade abaixo ou acima destas, seja considerado e se autoconsidere jovem.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

como principal elemento identificador deles próprios. A exemplo do que podemos perceber abaixo:

Ser jovem rural é morar em sítios, a vida do sítio é diferente da rua, pois a maioria dos jovens rurais sofrem muito para buscar água longe, apanhar rações para os gados, e estudar nas ruas. Às vezes vão a pé, pois não tem transporte para levá-los. É o contrário da vida urbana, não é preciso fazer nada disso, pois tem água encanada, não criam gados e tem transporte para ir, e quando não tem vão a pé, pois a escola é sua vizinha, ou seja, perto de sua casa... entre outros elementos... (C. P. S. S. 1º ano estudos gerais, 14 anos, comunidade, sítio Varjão. E.E.R.M.C.).

Como percebemos, é a rotina da vida cotidiana, marcada pelo trabalho para ajudar a família, que na visão dos próprios jovens, delimita o que é ser jovem rural, construindo-se assim, no universo mais conhecido pelos mesmos, o seu município ou municípios vizinhos, composto em sua maioria por agricultores camponeses, o urbano como o diferente.

É possível perceber na redação também que o fato de encarar o trabalho no interior da família como característica, este não desprovido de reflexividade, pois ao considerar como sofrimento e ao pensar o diferente, se questiona a própria naturalidade da sua condição.

Assim, por saber da diversidade das *situações juvenis* vivenciadas pelos jovens rurais, é que escolhi o trabalho como o principal lócus de construção das identidades de jovens rurais a partir da construção das diferenças. (WOODWARD, 2007). É na rotina do trabalho cotidiano que o jovem rural se percebe e percebe o diferente, como afirma Mesquita (2002, p. 20).

A observação do cotidiano é um exercício de atenção cuidadosa: supõe dois agires. Que se auto-observa e simultaneamente observa os outros e os eventos em que se está envolvido, põe sua atenção sobre como e onde isto ocorre, portanto no território. Entretanto, isto não deve ser confundido com controle sobre os outros ou sobre as situações do território.

É a rotina cotidiana, nunca naturalizada, que permite que percebamos a heterogeneidade das vivências dessa situação juvenil, especificamente ao pensarmos a relação entre o peso da estrutura social, econômica e cultural em que se encontram e os desejos e lutas cotidianas para realizar os sonhos construídos no diálogo entre a tradição (sempre reinventada) e os conhecimentos obtidos a partir da inserção real ou imaginária em mundos sociais distintos dos seus, como o urbano.



Porém, é importante considerar que no próprio interior das comunidades camponesas como sistema social, entre esses jovens, além de existirem diferenças nessa percepção, demarcadas por gênero, idade, experiências, escolaridade e lugar de moradia, são as vivências cotidianas que nos permitem perceber a heterogeneidade da categoria Juventude Rural. Concordo então com Giddens, para quem “Todos os sistemas sociais, não importa quão formidáveis ou extensos, expressam-se e são expressos nas rotinas da vida social cotidiana, mediando as propriedades físicas e sensoriais do corpo humano” (GIDDENS, 1989, p.28).

O trabalho, desde muito cedo, faz parte da socialização das crianças e adolescentes filhos de agricultores familiares, principalmente os de tradição camponesa. As atividades no *Sítio* não são vistas pelos pais, como exploração, mas como aprendizado, e apesar de serem tidas como pesadas e penosas, também são conhecimentos valorizados pelos jovens. Assim, esse trabalho é percebido por eles, menos como profissão, do que como forma de enfrentar as adversidades da vida e ser no futuro um homem “decente, honesto e trabalhador”. O trabalho, nesse sentido, tem um valor ético (WOORTMANN, 2003)⁴.

Das comunidades estudadas, todos os rapazes pesquisados, trabalham ajudando os pais na agricultura ou no trato dos animais ou ainda, em outras atividades como o comércio de mudas de frutas ou qualquer outro produto, dividindo seu cotidiano entre o trabalho, os estudos e pequenos espaços de tempo para lazer, como jogar futebol com alguns amigos na comunidade, no caso dos rapazes, conversar com as amigas em suas casas, no caso das moças e assistir televisão ou ouvir música. Como veremos na fala de G.C (18 anos, morador do sítio Caraúbas, estudante do ensino médio).

Acordo seis horas, quando eu acordo num faço nada, mas faço lá os negócio do sítio que tem que fazer mesmo. Meio dia vou pra aula, quando é quatro e meia volto. Não apanho capim não. Trabalho no roçado quando tem coisa assim pra fazer, quando não tem... ajudo no roçado, coisa assim.

A- Você gosta de trabalhar no roçado?

Oi né muito bom não. [risos]

Né muito bom não. Mas eu também gosto da roça, mas o que eu gosto mesmo é de ouvir som. [risos] Gosto de forró.

Depois almoço, vou pra escola em Orobó e volto as 4 e pronto. Quando é de noite eu fico por ali, as vez vejo um filme e vou dormir.

⁴ É dessa concepção que surgem as críticas a programas públicos como o PET (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) que enfoca o trabalho no interior da família como exploração do trabalho infantil, o que tem sido muito criticado pelos pais, sob o argumento de que a socialização para o trabalho junto aos mesmos faz com que a criança cresça dentro da ética que orienta a vida camponesa.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

É no interior do próprio meio rural que podemos perceber como as rotinas cotidianas do trabalho interferem na visão dos jovens sobre si e sobre os outros, construindo-se assim a diferença. Arkil Gupta e James Feguson, ao discutir as identidades na contemporaneidade, afirmam que as mesmas estão ficando cada vez mais desterritorializadas, havendo a possibilidade de um sentimento de pertencimento a um grupo que está em outro país, enquanto as diferenças estão sendo demarcadas no interior dos próprios grupos sociais. É o que poderemos perceber ao compreendermos as diferentes rotinas vivenciadas pelos jovens e a forma como elas são geradoras de sentimentos como orgulho e vergonha que marcam as diferenças e constroem estigmas.

A rotina da vida cotidiana de quem trabalha fora do estabelecimento familiar é, significativamente diferente daquele *rapaz*, que, “ajudando” nas atividades no interior de sua família, tem, quase sempre, condições de estudar. Dos que trabalham fora, no alugado ou em trabalho permanente, poucos estudam. É o caso de L. M. do *Sítio Manibu*, 17 anos, que trabalha em outra propriedade na produção de mudas. L.M. estudou até a 2ª série do ensino fundamental, pois quando era criança, faltava muito às aulas e não passava de ano, por isso, desistiu de estudar pra “arrumar dinheiro”. Ele teve nove irmãos vivos e quatro mortos, seu pai está preso e por isso, ele tem que ajudar a família. Já trabalhou em Recife, capital do Estado, segundo ele, em um cemitério, mas achava o serviço pesado e não gostava de lá, “por causa da gíria dos povo, cheio de gíria” “a gente chega lá, os povo fica chamando a gente de matuto.” Por isso, voltou. Sua mãe recebe bolsa-escola de um dos irmãos, mas ele, às vezes, ajuda em casa e, às vezes, compra suas roupas com o dinheiro que ganha. Na época do inverno, também trabalha no roçado da propriedade do pai, agora chefiada pela mãe. Lá, planta “milho, fava, cará, batata, pra comer em casa”. Quatro dos seus irmãos estão fora trabalhando, sendo um deles casado. Os solteiros, segundo ele, de vez em quando, “mandam uma micharia para a mãe”. As três irmãs são casadas, mas mesmo assim continuam ajudando a família de origem, o que tem possibilitado a sobrevivência desta. Ele afirma querer continuar ali.

Assim ele narrou sua rotina cotidiana: “Eu acordo, tomo café e venho pra cá. Aí trabalho aqui nas mudas, carrego o caminhão, às vezes alguma coisa no roçado até umas 4 horas da tarde, depois vou pra casa, tem dia que vou conversar um pouquinho, depois janto e vou dormir”.



Querer continuar ali não implica em vivenciar sua rotina sem questionamentos, mas apesar de saber da dificuldade de modificá-la na prática, esse rapaz conhece outras formas de vida e relaciona com a sua, sonha em modificá-la e sabe que para isso necessita acessar outros conhecimentos.

O trabalho nas mudas não é constante, mas no período do inverno quando a procura pelas mudas aumenta, esses jovens, bem como a família para quem trabalham, chegam a trabalhar os sete dias da semana. Tal exigência impede que os mesmos estudem.

O que podemos inferir sobre a realidade da vida cotidiana desses jovens é que há certa diminuição das possibilidades de escolhas por parte dos mesmos, tanto atualmente, pela impossibilidade de conseguir satisfazer suas necessidades e continuar estudando, quanto no futuro, pois ao interromperem os estudos, diminui também seu leque de opções em relação ao trabalho. Além disso, como esse trabalho é fora da propriedade familiar, há ainda a dificuldade de dar continuidade ao modo de vida dos seus próprios pais, uma vez que as propriedades dos mesmos demonstram serem insuficientes para a manutenção de mais uma família.

De toda forma, esse jovem é desafiado a olhar reflexivamente o “outro”, o jovem, que, apesar de viver na mesma comunidade ou em uma comunidade próxima, vive uma realidade economicamente diferente da sua, embora, não necessariamente oposta. É a partir dessa relação que o jovem processa a sua visão sobre si, sobre o outro e sobre sua família. Sendo assim, o outro é aquele que altera, pela sua “distinção”. Essa alteração é um movimento de enriquecimento das realidades às quais esses jovens participam.

A família, para quem os jovens acima citados trabalham, pertence à comunidade de Manibu. Esta é, das comunidades rurais do município de Orobó, a que as famílias possuem melhores condições econômicas, a partir da agricultura. Com a cultura da plantação de mudas de frutas⁵, principalmente cítricas, com prioridade para lima, limão e laranja, as famílias conseguem ter um nível de renda acima de três salários mínimos, em média, possuindo também, bens duráveis como carro e casa com mais conforto, com

⁵ Na comunidade de Manibu está sediada a associação dos produtores de mudas de Orobó que possui atualmente 60 sócios, destes apenas cinco estão na faixa-etária que consideramos nesta pesquisa como jovem. Esta associação tem como objetivo, organizar os produtores de mudas para a produção e comercialização dos seus produtos, através de fundos rotativos, projetos produtivos e de infra-estrutura.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

água encanada, eletrodomésticos e até internet. Os que conseguem vender suas mudas diretamente nas feiras, adquirem renda ainda melhor, mas são os que compram dos outros produtores dali mesmo e vendem nas feiras, que chegam a ter condições de possuir caminhões e outros carros, além de outros bens.

Os filhos dos produtores de mudas que não migram, ajudam seus pais, se estabelecendo depois de casados ali com aquela mesma atividade. De toda forma, é notória a diferença nas expectativas quanto ao futuro desses jovens. É o caso de N. G, 19 anos, morador da comunidade de Manibu, filho de um dos maiores produtores de mudas da comunidade e que ajuda seu pai na produção e comercialização. Toda família mora em casa, as meninas ajudam apenas nos afazeres domésticos e ele no trabalho de produzir e comercializar as mudas com o pai. Sua casa é grande e confortável, possui água encanada e internet. Seu pai possui um caminhão e um carro pequeno e ele possui sua moto, que usa para resolver problemas da casa, passear pela comunidade, ir para a cidade, ir para as festas, etc. N.G falou assim do seu cotidiano:

Eu acordo cedo, tomo café, apanho capim, porque a gente cria uns bezerros também, venho pra produção de muda, oriento os meninos e produzo também... sei produzir de todo tipo já, que pai me ensinou. Agora ele quem comercializa... terminei o terceiro ano, mas quando eu estudava dava tempo ajudar aqui também só que eu ia muito pouco pra feira com pai, hoje eu vou mais pra ir aprendendo. Eu estou querendo ano que vem fazer vestibular pra agronomia, aí vou sair daqui uns tempo né? (...) da produção de muda dá pra viver sossegado, se souber produzir e vender né? o principal é saber achar o lugar pra vender direito.

Ao questionar se pretendia dar continuidade à produção de mudas ele respondeu o seguinte: “Depende! Depende. Isso daí depende da chance que a pessoa vai ter né? Se... se... se eu conseguir um negócio melhor, aí eu vou buscar o melhor pra mim, mas aqui do sítio dá pra viver sossegado”.

Percebemos que as perspectivas do jovem em ficar e dar continuidade ao trabalho na propriedade e aos negócios do pai são reais e mais seguras. Ele vislumbra ali, possibilidade de construir e manter sua família, em suas palavras, “de forma sossegada”, o que não faz parte da realidade da maioria dos jovens do município, que mesmo sonhando em continuar morando no *Sítio*, necessitam migrar.

Os processos migratórios de jovens em Orobó, antes, muito maiores entre os *rapazes*, já é bastante significativo entre as *moças* que migram, em sua maioria, para o



trabalho doméstico, muitas vezes, arrumados por algum irmão ou parente que se encontra fora.

A realidade de J.M.L, sexo feminino, 17 anos, moradora do *Sítio* Manibu também indica a migração como uma decisão impulsionada pela necessidade e não, necessariamente, pelo desejo, mas demonstra sua capacidade de escolha e intervenção na sua própria realidade. Esta, no momento da entrevista, mesmo sem a total concordância dos pais e namorado, havia acabado de tomar a decisão de migrar para Recife para trabalhar em uma casa de família cuidando de uma criança. Decisão impulsionada pela necessidade que ora assolava, de comprar o enxoval para seu casamento. Ou seja, a mesma se viu obrigada a romper uma regra familiar naquele espaço, obediência ao pai e ao namorado, para reforçar/realizar outra importante regra tradicional: o casamento.

J.M.L tem seis irmãos mais novos, seu pai trabalha de ajudante de pedreiro em Recife e sua mãe é dona de casa e trabalha na agricultura. Seu sonho é estudar para um dia ser professora em seu *Sítio* mesmo, pois objetiva casar e ficar morando ali.

O trabalho como babá em Recife foi arranjado por um *rapaz* da comunidade que já havia migrado para lá. Tal estratégia, muito comum nos *Sítios*, consiste em fazer com que os que migraram consigam emprego para os que estão no sítio e mandem o valor da passagem que lhes garantam a migração. Ainda os ajudam, fornecendo-lhes abrigo, estabelecendo assim, uma rede de solidariedade que possibilita a intensificação dos processos migratórios.

É o caso de E.D. 18 anos, morador do *Sítio* João Gomes. Este *rapaz* terminou o ensino médio através do Projeto Travessia⁶ em Orobó e fez um curso de agricultura orgânica na Organização Não Governamental SERTA⁷. Mora com seu pai, sua mãe e o avô, mas possui 10 irmãos, sendo que apenas um deles está solteiro e mora no Rio de Janeiro trabalhando como porteiro em um prédio. E.D. diz não pretender migrar, pois

⁶É um programa de correção de fluxo criado, em 2007, pela Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, em parceria com a Fundação Roberto Marinho (Novo Tele curso), com a finalidade de corrigir a distorção idade/série e oportunizar inclusão social, assegurando o direito àquelas pessoas que desejam concluir o ensino básico nos níveis Fundamental e Médio (PERNAMBUCO, 2010).

⁷ Serviço de Tecnologia Alternativa – ONG situada na cidade de Glória e Goitá- PE que desenvolve um trabalho de formação de agentes de desenvolvimento local e agro ecologia com jovens do Estado de Pernambuco. O SERTA também desenvolve no município de Orobó uma consultoria na área de Educação no Campo que será discutida mais à frente nesta tese.



tem “expectativa de conseguir alguma coisa por aqui mesmo” que não sabe ainda, mas quer conseguir um emprego e comprar uma moto para ele. E.D. ajuda no *Sítio* do pai, plantando e ajudando no trato dos animais. Segundo ele, o curso que fez no SERTA não é possível de ser colocado em prática no *sítio* do seu pai, pela pouca extensão de terra, por isso, se não conseguir algo fora da agricultura, terá que migrar também. O *sítio* do pai tem pouco mais de 2 hectares para “botar roçado” de milho, feijão, mandioca e batata doce e ainda plantar capim para os bois que criam na corda⁸. Por isso, se torna muito pequeno para colocar em prática os ensinamentos que aprendeu no curso do SERTA e conseguir sobreviver dele. Ele diz ainda, já ter ensinado muita coisa que aprendeu no curso ao seu pai, mas não é tudo que ele aceita, pois já tem sua forma de trabalhar. Vemos que os conhecimentos aprendidos em outros contextos de interação geram reflexividades, mas não há uma total ruptura com o trabalho tradicional.

E.D. vivencia um dilema. Por um lado manter o modelo tradicional de família camponesa e, como último filho, ser responsável pela continuidade da propriedade familiar, por outro lado, as informações de fora, questionam aquele modo de vida, o incitando a buscar sonhos e objetivos diferentes. Desejos que perpassam a vida cotidiana, como o de conseguir os recursos para se sustentar, ou pagar suas despesas pessoais, comprar uma moto para facilitar seu deslocamento e sua interação com as moças, poder participar das festas, etc. Estas são questões que se colocam diante do dilema por ele enfrentado.

Mesmo sendo o filho mais novo e o único que continua com a família na propriedade, corre o risco de não continuar no *Sítio* para dar continuidade à propriedade familiar que seus pais mantiveram como parte da herança do avô e parte comprada com muito sacrifício, pois para uma família camponesa a terra é mais que uma simples mercadoria ou propriedade privada; mesmo pouca, a terra guarda um valor diferenciado, como afirmou Klaas Woortmann:

Como expressão de uma moralidade, como algo pensado e representado no contexto de valores e éticas. Vê-se a terra, não como natureza sobre a qual se projeta o trabalho de um grupo doméstico, mas como patrimônio da família, sobre a qual se faz o trabalho que constrói a família enquanto valor. Como patrimônio ou como dádiva de Deus, a terra não é simples coisa ou mercadoria” (WOORTMANN, 1990, p. 12).

⁸ Criar o boi amarrado na corda é uma estratégia utilizada pelos agricultores camponeses que possuem pouca terra para criação de um, dois ou três bois e continuar cultivando lavoura.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Dentre os aspectos que mais marcam as diferenças na vivência da situação juvenil rural, as diferenças de gênero podem ser vistas como a principal delas. De fato, as condições de gênero demarcam importantes diferenças no cotidiano dos jovens e é particular no modelo de família camponesa. Às *moças*, é, muitas vezes, atribuído o papel do cuidado da casa, da responsabilidade com os irmãos menores e, a depender das condições da família, também o trabalho no campo, principalmente no trato dos animais. É o caso de E.J. 16 anos, moradora do *Sítio* João Gomes, estudante do ensino médio no distrito de Chã do Rocha, situado mais próximo de João Gomes. Seu pai trabalha apenas na agricultura e sua mãe é merendeira em uma escola municipal da comunidade, por isso, os afazeres da casa, o cuidado dos irmãos menores e parte das atividades agrícolas ficam sob sua responsabilidade. Seu irmão trabalha apenas no campo ajudando seu pai no roçado e sua irmã mais velha, se responsabiliza pela ração. E assim ela narrou sua rotina diária:

Eu acordo, tomo café, aí vou apanhar ração, aí eu também faço comida, aí eu boto o comer no fogo e depois vou varrer a casa e cuidar do meu irmão... aquela minha irmã (se referindo a outra mais velha que ela) é mais na ração, minha mãe trabalha fora e meu pai no roçado... eu tenho mais um irmão que trabalha num restaurante em Recife e aquele outro ajuda meu pai no roçado e é mais na ração também. Ele fica mais com o meu pai. E a gente fica na ração e pra cuidar da casa e dos mais pequeno, né?(...) depois eu almoço e vou pra escola meio dia em Chã do Rocha. Quando eu chego já de quase cinco, aí vou dá capim pros bicho né? e jantar e ver um pouquinho de novela né? às vezes fazer um dever, e pronto, vou dormir.

Na divisão social do trabalho familiar, a responsabilidade da *moça* perpassa vários espaços, embora, quando trabalhando no roçado, seja vista apenas como ajudante, pela sua condição de jovem, mas também de mulher. Ao *rapaz*, seu irmão, não cabe responsabilidade sobre as atividades do lar ou o cuidado dos irmãos, mas elas ficam com as duas responsabilidades, mesmo, sendo pouco consideradas suas opiniões nas decisões familiares em relação à produção, consumo e até mesmo na divisão da herança.

Assim, os jovens, e principalmente as *moças*, mesmo sendo responsáveis por grande parte do trabalho na agricultura, sempre são tidos como ajudantes e pouco ou nada recebem por este trabalho, sendo o mesmo, apenas possibilitador do balanço entre trabalho e consumo que dá base à família camponesa (CHAYANOV, 1974).

No entanto, as diferenças de gênero, se associadas às melhores condições sócio-econômicas da família, podem implicar para as *moças* uma não participação no trabalho



da agricultura, enquanto para os rapazes, as melhores condições sócio-econômicas da família nem sempre implicam nessa não participação. Essas moças, ao serem poupadas do trabalho na agricultura, são incentivadas aos estudos⁹, e a aprenderem “ser boas donas de casa” e prepararem-se para o casamento.

É o caso de E. G., 16 anos, estudante do 1º normal médio na escola E.E.A.S.B. moradora do *Sítio Manibu*, filha de produtor e comerciante de mudas.

Assim esta *moça* narrou seu dia-dia:

Eu acordo umas oito da manhã aí tomo café e vou fazer as coisas de casa, ajudar né? eu mais a minha irmã, porque mãe fica na produção de mudas e nos bicho e eu e A. é quem faz as coisa de casa. Ela fica mais na cozinha e na comida, mas mãe também ajuda na comida e eu arrumo mais a casa e lavo roupa. Aí estudo, faço minhas tarefas, vejo televisão, faço as unhas tem dia, aí onze horas eu me arrumo, almoço e vou pra escola, chego quatro e meia, cinco horas, aí vejo televisão, janto, ajudo a lavar os pratos, aí assisto mais um pouquinho e fico conversando com minhas irmã e vou dormir.

Ao questionar se ajudava na produção de mudas, ela informou que nenhuma de suas irmãs trabalhava fora de casa, apenas o irmão trabalha ajudando o pai nas coisas do *sítio*, mas ele, como é a tradição, não faz nenhuma atividade de casa ou mesmo cuidar de suas roupas¹⁰. Estas moças, diferentemente das que trabalham ajudando a família no campo, têm a pele mais “clara”, “mãos mais finas” e mesmo em casa, estão sempre limpas e “arrumadas” o que lhes rende a denominação de “Patricinhas” por parte daquelas que praticam esse trabalho. É nesse sentido, que concordamos com Giddens (1989) que a rotina cotidiana está marcada no corpo dos atores, demarcando diferenças através da percepção de si e do outro.

As questões de gênero são ainda mais diferenciadoras da vivência da juventude quando estão relacionadas, como já foi antes mencionado, à condição de casada¹¹. Nesta, a jovem não é mais tratada como *moça* e, na própria visão delas, assumem as responsabilidades do lar e do marido, quando ainda não são mães, aumentando ainda mais as responsabilidades sociais ao assumirem este papel social.

⁹ Isso explica em muito as estatísticas educacionais do município que demonstram que o número de rapazes na escola até a 8ª série não é tão inferior ao de moças e no ensino médio esse número é significativamente inferior.

¹⁰ Dos rapazes entrevistados, apenas 2 informaram ajudar nas atividades de casa.

¹¹ De acordo com Abramo (2005) Mulheres, com mais de 20 anos de idade são as que estão na condição de mãe. Necessariamente, ela não está diretamente relacionada a casamento, embora o número de casadas também seja alto. Segundo a análise dos dados da pesquisa feita pela autora, não há variação na situação urbano/rural em relação a esse aspecto, sendo as diferenças de gênero, seguidas de renda e escolaridade as mais significativas.



É interessante notar, que das jovens casadas entrevistadas, muitas delas não ajudam na agricultura e, pelo contrário, até consideram que trabalham menos do que quando moravam na casa de suas famílias, sendo, como já vimos o senso de “responsabilidade”, não necessariamente ligado ao trabalho, o principal elemento diferenciador das mesmas em relação às *moças* solteiras.

É o caso de J.S.S, 23 anos, moradora do *Sítio* Caraúbas de cima. Esta jovem, antes moradora do *Sítio* Manibu, “fugiu” com um rapaz morador de Caraúbas com quem atualmente “mora junto” há quatro anos. Seu marido trabalha em Recife como garçom em um restaurante e ela fica em Caraúbas em sua casa construída há pouco tempo, pois antes, residia na casa de sua sogra, após voltar de Recife onde trabalhou um ano, logo após sua fuga.

Segundo ela, a vida em Recife era muito difícil e ela se sentia muito sozinha, o que a fez pedir ao seu companheiro para voltar a morar em Orobó, mesmo que ficasse sozinha durante a semana, enquanto ele está lá trabalhando. Na sua comunidade, mesmo sem companheiro, ela não sente a solidão da individualidade e impessoalidade da cidade grande. O espaço comunitário a acolhe, “é um espaço de convergência de manifestação do sagrado, do lúdico, de fuga da solidão, da transmissão e intercâmbio da saudade, das notícias da vida social, etc.” (TEDESCO, 1999, p. 81).

Atualmente, J.S.S está estudando à noite e tem a pretensão de fazer um curso técnico de enfermagem, com a esperança de conseguir um emprego de auxiliar de enfermagem em um posto de saúde ou hospital em Orobó e não mais exercer o trabalho de doméstica que já fez por necessidade. Assim ela descreveu sua rotina cotidiana:

Eu acordo umas oito horas, arrumo a casa, aí quando assim eu tava trabalhando ali na casa do dono da oficina ali, empregada doméstica, né? Aí ele teve um probleminha deles se separarem, aí, me dispensaram, aí antes eu acordava mais cedo pra ir trabalhar lá dois dias por semana. Seis e meia por aí. Aí pronto, ficava lá até o meio dia, aí depois chegava em casa, arrumava a minha e ia estudar pras provas, coisa assim. À noite eu vou pra aula, seis horas e na segunda feira eu tenho curso de enfermagem em Limoeiro... eu num gosto de trabalhar na casa dos outros, se pudesse num trabalharia na casa de ninguém nunca mais viu?[risos].

É comum ainda no município de Orobó que as mulheres casadas, com ou sem filhos, fiquem morando no município para que os seus maridos trabalhem em centros maiores como Recife. Normalmente, os que trabalham em Centros distantes, como Rio de Janeiro e São Paulo, praticam o que KlaasWoortmann (1990, 2009) denominou migração cíclica, que tem um caráter sazonal, determinado pela



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

disponibilidade de produtos ou em períodos de precisão, como analisada por Garcia Jr.(1989).

Como observamos, a rotina da vida cotidiana, tende a marcar as diferenças na forma como os jovens vivenciam sua condição de jovem (ABRAMO, 2005) e delimita as várias situações que demonstram a heterogeneidade e diversidade de situações juvenis (ABRAMO, 2005) vivenciadas no meio rural de um pequeno município e entre famílias de agricultores camponeses.

Referências Bibliográficas:

_ ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W. BRANCO, P. P. M. **Retratos da Juventude Brasileira**. Análises de uma pesquisa nacional. Editora Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2005.

CHAYANOV, A.V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Vision, 1974. 339 p.

GIDDENS, Anthony. **O Mundo em Descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **As Novas Regras do Método Sociológico**: uma crítica positiva às sociologias interpretativas. Lisboa: Gradativa, 1996.

_____. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GUPTA, A. & FERGSON, J. **Além da “Cultura”**: Espaço, Identidade e Política da Diferença. In: Cultural Antropology, Volume 7, número 1, 1992.

LEVEBVRE, H. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. Trad. Alcides João Barros, São Paulo, Ática, 1991.

MESQUITA, Zilá. Cotidiano ou quotidiano. In: MESQUITA, Zilá e RODRIGUES, Carlos. **Territórios do cotidiano**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002 pp. 12-26.

PAIS, José Machado. **Cotidiano e Reflexividade**. Educ. Soc. Campinas, vol. 28, n. 98, p. 23-46, jan./abr. 2007 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

_____. **Culturas Juvenis**. Imprensa Nacional casa da moeda: Lisboa: Portugal, 2003.

_____. **Paradigmas Sociológicos na análise da vida quotidiana**. Rev. Análise Social. Vol. XXII (90) 1987 pp. 7-57

TEDESCO, João Carlos. **Terra, Trabalho e Família**: racionalidade produtiva e *ethos* camponês. Passo Fundo: EDIUPF, 1999



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O Mundo Rural como Espaço de Vida**, reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

_____. **Morar, trabalhar: o ideal camponês dos assentados de pitanga** (estudo de caso no Nordeste). In: MARTINS, José de Souza. (org.) **Travessias**. a vivência da reforma agrária nos assentamentos. Editora da UFRG: Porto Alegre, 2003.203-246.

_____. Urbanização e Ruralidade: Relações entre a Pequena Cidade e o Mundo Rural: Estudo Preliminar Sobre os Pequenos Municípios em Pernambuco. In: LOPES, E. S.; MOTA, D. M.; SILVA, T. E.M. **Ensaio de Desenvolvimento rural e transformações na agricultura**. Embrapa Tabuleiros Costeiros/UFS: Sergipe, 2002.p.21-40.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Thadeu Thomaz. da.(org.) **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos culturais. Stuart Hall e Kathryn Woodward. 7ª Ed. Editora Vozes: Petrópolis-RJ, 2007.

WOORTMANN, E. F. Herdeiros, parentes e compadres. São Paulo-Brasília: Hucitec/Edunb, 1995. 336p.

WOORTMANN, K. **Com Parente Não Se Negoceia**. O campesinato como ordem moral. Editora Universidade de Brasília / Tempo Brasileiro: Brasília-DF/Rio de Janeiro,1990.

_____. **Migração, família e campesinato**.Revista Brasileira de Estudos de População, v.7, n. 1, jan./jun. 1990.